

Educação, remédios e as ignorâncias do amor nos sermões de Antônio Vieira

Edson Barbosa da Silva
Unicesumar

INTRODUÇÃO

*“Não se pode falar de educação sem amor”
(Paulo Freire).*

Saibamos ou não, queiramos ou não, escrever sobre um pedagogo da história educação do Brasil é uma das formas de se fazer história. Dito de outro modo, fazer história da educação escrita é fazer história real, é uma das maneiras de influenciar a história de um povo e de participar da construção de suas escolhas, de seu futuro e da sua história. Insisto; quer desejemos ou não, quer nos demos conta ou não, é assim. Diante disso, sempre devemos assumir a responsabilidade histórica das nossas escolhas ao escrever sobre arte de ensinar, como fez o Padre Antônio Vieira.

Para os leitores iniciantes na gigantesca produção teórica de Vieira, questão que surge de imediato: quem foi o Padre Antonio Ravasco Vieira? Foi uma das figuras marcantes do século XVII português e brasileiro (apesar de ter nascido em Portugal em 1608, formou-se no Colégio Jesuíta na Bahia e passou mais de três quartos de sua longa existência no Brasil, onde morreu em 1697 e está sepultado em Salvador), e o foi não apenas como religioso, mas também como diplomata, conselheiro da corte, combatente da Inquisição, teólogo, filósofo e profeta, defensor dos cristãos novos (judeus), dos indígenas e dos escravos. Fernando Pessoa classifica-o como “o imperador da língua portuguesa”.

A análise que segue é resultado das leituras de seis Sermões do Mandato e um sobre Finezas (todos sobre amor), distribuídos ao longo dos vinte e quatro volumes (Editora Das Américas, 1957), os quais totalizam em torno de duzentos Sermões. O sermão, sob o ponto de vista literário, constitui um todo mais acabado na produção teórica do século XVII. Mas, dada à complexidade desta obra, analisaremos apenas dois Sermões do Mandato: 1643 e 1645. Organizamos esta

10.4025/6cih.pphuem.521

análise da seguinte forma: educação no século XVII, amor e os quatro remédios, amor e as quatro ignorâncias e, por fim, educação e amor.

EDUCAÇÃO NO SÉCULO XVII

Apesar de Vieira ter exercido a profissão de professor em sentido restrito por mais de dez anos no Brasil Colonial, a Educação, neste texto, é entendida de forma mais abrangente do que aquela restrita a uma sala de aula, como necessidade social do ser humano de se formar e informar para exercer plenamente as suas potencialidades. Portanto, ela é concebida como um meio pelo qual a sociedade transmite seus princípios e valores, dentro de um espaço humano, social, histórico, econômico e cultural determinado, para que as trocas simbólicas, padrões culturais, práticas de religiosidades e de relações de poder aconteçam.

A Educação, no século XVII, no Brasil Colonial, era a expressão da forma como os seres humanos estavam organizados para a produção da vida material, e estava, basicamente, sob a responsabilidade da Companhia de Jesus. Os jesuítas, Congregação Religiosa Católica, da qual pertencia Vieira, recebeu autorização de funcionamento do Papa Paulo III em 1540, e com o Concílio de Trento (1545-1563) assumiu a responsabilidade de propagar a fé, não de forma exclusiva, os ideais culturais e práticos dos dogmas estabelecidos. Essa foi uma resposta às mudanças que estavam ocorrendo na Europa, principalmente, devido à Reforma Protestante. A preocupação central da Igreja era a formação religiosa e social dos cristãos e cristãos novos, a partir de uma nova pedagogia religiosa de evangelização.

Os jesuítas imbuídos dessa missão e com essa pedagogia religiosa começaram a ultrapassar as fronteiras da Europa em direção aos continentes. O rei de Portugal, com o seu projeto expansionista ideológico de exploração das colônias, designa os jesuítas como responsáveis pela evangelização e catequização em Portugal e nas Colônias, por meio do Padroado. Eles chegaram ao Brasil no século XVI e de imediato começaram implantar o projeto de catequização dos índios e orientação dos portugueses que aqui vieram. Os instrumentos pedagógicos de evangelização eram o Catecismo Romano (que foi produto do Concílio de Trento e

10.4025/6cih.pphuem.521

teve participação jesuíta em sua redação) e o *Ratio Studiorum* (elaborado pelos jesuítas e publicado em 1599).

O *Ratio Studiorum* estabelecia as estratégias para uma Educação, com um conjunto de regras que tratava do relacionamento entre os docentes e discentes nos Colégios e Cursos Superiores. No Brasil Colonial tais estratégias pedagógicas religiosas permaneceram até a expulsão da Companhia de Jesus no século XVIII. Nesse contexto de formação cultural religiosa e educacional é que surge o Padre Antonio Vieira. Após o período de formação e um bom início de trabalho na instrução com índios e escravos no Brasil, em 1642 volta para a metrópole para prestar lealdade ao novo rei e inicia sua carreira diplomática na França e Holanda. Isso revela que Vieira estava mergulhado em todo o universo filosófico, intelectual e cultural da Europa. Retorna ao Brasil em 1653 e permanece até a sua morte, em Salvador.

AMOR E OS QUATRO REMÉDIOS

Os Sermões do Mandato, proferidos pelo Padre Antônio Vieira nos anos de 1643 e 1645, durante a Quaresma, têm como tema a paixão, o sofrimento amoroso e o inquietante contraste entre o amor de Cristo e a vulgar amorosidade humana. Esses dois Sermões do Mandato foram pregados em Lisboa, no Hospital Real aos fiéis da enfermidade amorosa, “os remédios do amor, e o amor sem remédios. Não se pode mostrar que foi o amor sem remédio, sem se dizer juntamente quais sejam os remédios do amor” (VIEIRA, 1643, p. 155). Da mesma forma como fez Galeno em sua obra: *De Remedio Amoris*.

Vieira começa o Sermão da seguinte forma: “Enfermo diz que estais, e tão enfermo que a vossa mesma ciência vos promete poucas horas de vida. [...] Diz (o evangelista João) que é amor, e de amor nosso, e de amor incurável sem remédio” (VIEIRA, 1643, p. 156). Já o amor de Cristo pelos homens era tão excessivo e de uma tal qualidade de fineza, que aos olhos humano parecia uma enfermidade amorosa. Todavia, o amor divino é perfeito, não sofre alterações advindas dos excessos das paixões, tampouco afetado e determinado pelas circunstâncias que comumente envolvem a vida dos amantes. O amor dos seres humanos é tão

enfermo que suas corrupções necessitam de remédios. Esses remédios são defensivos ao coração, segundo Vieira, são os “mais poderosos, e eficazes que até agora tem descoberto a natureza, aprovado a experiência, e receitado a arte, são estes quatro: o tempo, a ausência, a ingratidão e sobretudo o melhorar de objeto” (VIEIRA, 1643, p. 157).

O tempo é o primeiro remédio do amor. A temporalidade subordina e caracteriza diversos aspectos dos seres humanos, é o responsável pela finitude e corrupção, degradação das coisas, da qual nada que pertence ao mundo sensível pode escapar. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba.

Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino, porque não há amor tão robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza o desarma o tempo. [...] Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos. (VIEIRA, 1643, p. 160)

O tempo pode oferecer a intensidade da paixão amorosa que marca o início do relacionamento entre os seres humanos, mas ele tira a novidade do amor, fazendo com que os relacionamentos durem muito pouco. Essa enfermidade aumenta com o tempo, ela se gasta, perde aos poucos a intensidade e finda por completo com o passar dos dias. Esse remédio, para Vieira, tem a propriedade de fazer com que o amante se aborreça com o amado, que já não apresenta novidade alguma. A falta de novidade revela que a outra pessoa não apenas não corresponde a tudo que era esperado dela, como também ela possui defeitos. Depois que essa afeição intensa (amor) dá lugar ao convívio mais cotidiano e a uma imagem menos fantasiosa do ser amado, o amor perde a graça inicial e vai minguando.

O apaixonar-se é uma experiência de grande força, marcando intensamente o início de um relacionamento amoroso. O tempo, no entanto, é capaz de diluir tal estado de prazer, sendo uma característica natural do amor humano se deslumbrar com as coisas em um primeiro momento, mas, conforme as possui em seu cotidiano vai se acostumando com elas. O desejo humano é insaciável e faz com que o amado não seja capaz de corresponder à sede da plenitude. Nesse sentido, durante os primeiros fervores, os seres humanos se apaixonam por aquilo que sua fantasia

10.4025/6cih.pphuem.521

imagina sobre o amado, porém, ao vivenciar o cotidiano da relação amorosa a fantasia é obrigada a ceder em prol de uma visão mais verdadeira daquele a quem a ama. Partindo de uma imagem criada do objeto amoroso, a pessoa ama aquilo que não existe e, conforme o tempo passa, o amante percebe que seu desejo e imaginação sobre o amado não encontra correspondência na realidade. O tempo, portanto, é o primeiro remédio para o amor.

O segundo remédio do amor é a ausência. Os filósofos, afirma Vieira, definem a morte pela ausência. Os dois primeiros efeitos da morte são dividir e esfriar. Quando alguém morre, uma pessoa amada no caso, acredita-se que nela separou-se a alma do corpo, o que faz com que se tocá-la logo, não há mais sinais de calor no corpo. Estes mesmos efeitos ou poderes tem o que Vieira chama de a vice-morte, ou seja, a ausência: “Despediram-se com grandes demonstrações de afeto os que muito se amavam. [...] Os olhos enxutos, a boca muda, o coração sossegado: tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausência seu ofício, como a morte: apartou, e, depois de apartar, esfriou” (VIEIRA, 1643, p.169).

Assim como a morte faz com sejam esquecidos aqueles que já se foram, a ausência no amor determina uma espécie de esquecimento. Assim, como o tempo a ausência está sujeita à degradação das coisas subordinadas ao mundo sensível. Os seres humanos não são capazes de suportar uma falta que perdure por muito tempo. A ausência é o estado em que não se pode alcançar o amado com o olhar, pois amor é essencialmente união que não suporta distâncias.

O amor não é união de lugares, senão de vontades; se fora união de lugares, pudera-o desfazer a distância; mas como é união de vontades, não o pode esfriar a ausência. A ausência mais distante que se pode imaginar é a que hoje fez Cristo: o outro mundo. Todas as outras ausências, por mais distantes que sejam, sempre se fazem dentro do mesmo elemento, de uma parte da terra para a outra. (VIEIRA, 1643, p. 171)

A distância suportável ao amor para que não se destrua é portanto, aquela que vai dos olhos do amante à imagem do amado. Somente aquele que pode ser alcançado pelos olhos do amado permanece presente ao coração. O olhar desprovido da inteligência distrai com tudo o que lhe é apresentado, tendo a tendência de flutuar de um objeto a outros (PÉCORA, 1988). Nesse sentido, as paixões e emoções devem estar subordinadas à razão, pois o amor garantido pelo

10.4025/6cih.pphuem.521

olhar está sujeito à degradação como qualquer objeto material, concreto, podendo facilmente ser esquecido assim que o amado ausentar-se. “Os olhos são as frestas do coração na presença, em que tem abertos os olhos, por eles evapora e exala os afeto” (VIEIRA, 1643, p. 175). A ausência é, portanto, o segundo remédio do amor.

O terceiro remédio do amor dos seres humanos e o mais forte é a ingratidão. Vejamos como Vieira o destaca:

Assim como os remédios mais eficazes são ordinariamente os mais violentos, assim a ingratidão é o remédio mais sensitivo do amor, e juntamente o mais efetivo. [...] Diminuir o amor o tempo, esfriar o amor à ausência, é sem-razão de que todos se queixam; mas que a ingratidão mude o amor e o converta em aborrecimento, a mesma razão o aprova, o persuade, e parece que o manda. Que sentença mais justa que privar do amor a um ingrato? O tempo é natureza, a ausência pode ser força, a ingratidão sempre é delito. [...] O tempo tira ao amor a novidade, a ausência tira-lhe a comunicação, a ingratidão tira-lhe o motivo. Finalmente o tempo e a ausência combatem o amor pela memória, à ingratidão pelo entendimento e pela vontade. E ferido o amor no cérebro, e ferido no coração, como pode viver? (VIEIRA, 1643, p. 181).

A ingratidão seria o aspecto contrário do amor, já que de acordo com a tradição do amor aristotélico-tomista um dos principais aspectos das relações amorosas é a reciprocidade. O sentimento amoroso, de acordo com a retórica de Aristóteles, é dotado uma benevolência prazerosa, de um querer estar em companhia daquele por quem se tem afeto e não pelo pesar e descontentamento produzidos pela ingratidão do amado. Vieira afirma que a natureza e a arte curam contrários com contrários e, como a ingratidão é o maior contrário que tem o amor, quem duvida que este terceiro remédio seria também o último, e o mais presente e eficaz, ou para extinguir de todo. “É a ingratidão com o amor, como o vento com o fogo: se o fogo é pequeno, apaga-o o vento; se é grande, acende-o mais” (VIEIRA, 1643, p.182).

O último e o mais prazeroso remédio para a enfermidade do amor é o melhorar do objeto, ou seja, quando se encontra um amado mais virtuoso que o primeiro.

Dizem que um amor com outro se paga, e mais certo é que um amor com outro se apaga. Assim como dois contrários em grau intenso não podem estar juntos em um sujeito, assim no mesmo coração não

10.4025/6cih.pphuem.521

podem caber dois amores, porque o amor que não é intenso não é amor. [...] Comumente se diz que o maior contrário da luz são as trevas, e não é assim. O maior contrário de uma luz é outra luz maior. As estrelas no meio das trevas luzem e resplandecem mais, mas em aparecendo o sol, que é luz maior, desaparecem as estrelas. [...] O mesmo lhe sucede ao amor, por grande e extremado que seja. Em aparecendo o maior e melhor objeto, logo se desarmou o menor. (VIEIRA, 1643, p. 191).

A troca de amado por outro mais virtuoso não provoca nenhuma dor ao amante, pois esse, já com afeição mudada, felicita-se pelo novo objeto de amor. O amor do ser humano é inconstante e por isso admite-se que uma pessoa possa aperfeiçoar-se a outra de modo a esquecer aquele que era originariamente o objeto dos seus cuidados, e assim, com a mudança e melhora do objeto, e tal objeto, também mudou e melhorou de amor.

Além de não provocar nenhuma dor, o novo amor apresenta-se de forma mais intensa. “Assim como dois contrários em grau intenso não podem estar juntos em um sujeito, assim no mesmo coração não podem caber dois amores, porque amor que não é intenso não é amor” (VIEIRA, 1643, 191). A intensidade é o que possibilita a melhora do objeto do amor ao ponto de ser um eficaz remédio.

AMOR E AS QUATRO IGNORÂNCIAS

No segundo Sermão do Mandato de 1645, Vieira aponta que para vencer as enfermidades do amor humano é necessário superar as ignorâncias dos amantes para com o amor e para com os amados. Ele denuncia as ignorâncias dos amantes em relação aos amados, baseando-se no evangelista João, no episódio em que “sabia que entre os doze que tinha assentado à sua mesa estava um que lhe era infiel, e que o havia de entregar a seus inimigos. Até aqui mostrou o evangelista a sabedoria de Cristo. Daqui adiante continua Cristo a mostrar a ignorância dos homens” (VIEIRA, 1645, p. 382). A razão pela qual o amor de Cristo foi com fineza está no fato de ser com ciência, conhecimento claro e, da parte dos homens, ser com ignorância. “Você agora não sabe o que estou fazendo. Ficaré sabendo mais tarde” (Jo. 13,7).

Para Vieira o pensamento proposto acima não está claro para os amados, sendo que seu intento é justamente demonstrar como a relação entre ciência e

10.4025/6cih.pphuem.521

ignorância gera os efeitos indesejados e sofrimento para o amante. A relação do amante para com o amado deve ser consciente, sabedor, mesmo que o amado seja ignorante do amor do amante. Caso contrário, esta relação gerará muito sofrimento em todos os aspectos, inclusive o pedagógico, que é o nosso objeto de análise.

Para a inteligência dos seres humanos a relação entre o amante e o amado não é de conhecimento, mas de ignorância, sendo esta é a causa do sofrimento. Contrário da compreensão divina da relação entre amante e amado, visto que o que os seres humanos chamam de amor não é amor, mas, sim, ignorância. “Pintaram os antigos ao amor menino, e a razão, dizia eu o ano passado que era porque nenhum amor dura tanto que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacó com Raquel” (VIEIRA, 1645, p. 364). Pinta-se o amor de menino, porque não passa dos sete anos, uma amor que não chega à idade da razão.

Usar a razão e amar, são duas coisas que não se ajuntam. A alma de um menino que vem a ser? Uma vontade com afetos, e um entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor quando conquista uma alma; porém o primeiro rendido é o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração que não houvesse fraqueza no juízo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. [...] Daqui vem isto, que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorância; e quantas partes tem de ignorância, tantas lhe faltam de amor. (VIEIRA, 1645, p. 365)

O amor sem conhecimento diminui o merecimento. Quem, ignorando, amou, em rigor não é amante. O amor depende do conhecimento para que não seja bruto, mas que tenha fineza. Só a fineza possibilita o amor verdadeiro, para que o deixe mais longe possível da ignorância. Às vezes a fineza é confundida com ignorância. Somente aquele que conhece pode diferenciar a fineza, que é o amor verdadeiro, da ignorância. Aquele que não conhece o amor necessita de remédios; quem necessita de remédios do amor é porque está padecendo de amor; padecer de amor não é amar. Só quem conhece diferencia o amor fino, amar para amar, que é o verdadeiro, do amor do sofrimento, esse que não é merecedor de amor.

Vieira, assim como apontou quatro remédios para amor, aponta também as quatro ignorâncias que podem concorrer com o amante e, também, as quatro ciências de Cristo. As quatro ignorâncias do amante em relação ao amado são as seguintes: porque não se conhece a si; porque não conhece a quem ama; porque

10.4025/6cih.pphuem.521

não conhece o amor; e, por último, porque não conhece o fim onde há de parar o amado.

A primeira ignorância ocorre pelo fato de uma vez não conhecendo a si, o amante acaba colocando sua atenção, os seus esforços, os seus pensamentos onde não deveria por, se o conhecesse. Conhecendo quem o é, força o amante a perceber o que não é, por exemplo, não é Deus. Isso significa ter clareza da sua condição humana, com suas falhas, limitações e qualidades. Quando não se conhece troca de pensamentos algumas vezes e, isso pode fazer com que se descole da realidade, aquilo que pode-se chamar de alienação de si. O amante pensa e vive como se tivesse descolado da realidade de si. Isso pode levar o amante a amar humildemente aquilo que não é. Assim que descobrir o que é verdadeiramente pode deixar de amar aquilo que não conhecia. “Como o amor se fundava na ignorância de si, o mesmo conhecimento que desfez a ignorância acabou também o amor” (VIEIRA, 1645, p. 371).

A segunda ignorância do amante para o amado, é quem ama não conhecer a quem ama. Muitas coisas há no mundo que amamos, se não as conhecer podemos nos enganar, e o engano não é amor, o engano gera aborrecimentos. Quem amava o que conhece que ama a quem ama cuida. Os seres humanos não amam aquilo que cuidam que amam. Porque ama o que verdadeiramente não há. Os seres humanos cuidam o amante como se fossem perfeições angélicas, mas são imperfeições humanas. Amam o que imaginam e não o que fato é. “Oh! Quantas vezes se representa esta história no teatro do coração humano, e não com diversas figuras, senão na mesma! A mesma, que na imaginação é Raquel, na realidade é Lia; e não é Labão o que engana a Jacó, senão Jacó o que se engana a si mesmo” (VIEIRA, 1645, p. 378). Jacó enganou a si mesmo porque não sabia. O engano só ocorre quando não se sabe. Quando fica sabendo, Jacó aceita o não saber.

Os seres humanos amam coisas como as imaginam, e não como são na realidade. Na realidade os seres humanos são ingratos, mas na nossa imaginação são gratos. Eles são, também, na realidade são traidores, mas na nossa imaginação são leais. Eles são, também, na realidade são infiéis, mas na nossa imaginação são fiéis. Eles são, também, egoístas, mas na nossa imaginação são altruístas. Amar os ingratos, cuidando como se fossem gratos, amar os traidores como se fossem leais,

10.4025/6cih.pphuem.521

os infiéis como se fossem fiéis, os egoístas como se fossem gratos, não é amar para amar, fineza, mas ignorância. Por isso o vosso amor não tem merecimento, senão o engano (VIEIRA, 1645). O amor fino é amar para amar como os seres humanos são, e não como gostaríamos que fossem ou como imaginamos. Nesse sentido, é fundamental o amante ter ciência de quem ama, apesar de não ser do jeito que imagina.

O amar para amar acontece com inteira ciência do que os amados são na realidade: o ingrato com a sua ingratidão, o traidor com a sua traição, o infiel com a sua infidelidade (inclusive, a conjugal), o egoísta com o seu egoísmo, o inimigo sabendo do seu ódio entre outros. O conhecimento do ser humano é fundamental para o amor. O amar para amar não pode buscar fruto, do tipo, se amo porque me amam, segundo Vieira. O amar tem no próprio amar a causa. Se amo para que me amem, tem fruto. Isso não é amor. O amar não tem porquê, nem para que. Se amo para que me amem, é obrigação. Se amo para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Quem ama porque o amam, é agradecido; quem ama para que o amem, é interesseiro. O amor não tem fruto, nem obrigação, nem negociação, nem interesse. Amar para amar é o amor de gratuidade, sem fruto, sem negociação, sem obrigação, sem interesse. Talvez esteja aqui causa dos males de amor, a ignorância. “Só Cristo foi tão fino e tão amante, que amou sem correspondência, porque amou a quem sabia que o não amava, e sem esperança, porque a quem sabia que o não havia de amar” (VIEIRA, 1645, p. 381).

A terceira ignorância é não conhecer o amor. Aprende-se amar amando. O primeiro amor é o primogênito do coração, as primícias da vontade, é aprendiz, mas é bisonho. Seja o primeiro, mas não por isso o maior. Ninguém pode negar que o segundo amor é experimentado, é mestre, é a confirmação, a ratificação do primeiro. É conhecimento sobre o amor. É amor sobre amor, mas nem por isso maior. Quem diz que ama mais desacredita o seu amor, porque ainda que o crescer seja aumentado, é o aumento que supõe imperfeição. Amor que pode crescer não é amor perfeito. O amor perfeito é o amar para amar.

Quando Deus mandou a Abraão que lhe sacrificasse seu filho [...] Sacrifica-me o filho, não só que amas, senão que amaste, porque amar sobre haver amado, é o maior amor. Por isso o evangelista

10.4025/6cih.pphuem.521

hoje, comparando amor com amor, não fez comparação de grande a excessivo, senão de primeiro a segundo. (VIEIRA, 1645, p. 387)

O amor presente é superior ao amor passado. A experiência passada ajuda conhecer o amar presente, que é mais penetrante, que possui maior quilate, maior refinamento. Por isso, o segundo amor é sempre melhor que o primeiro, é melhor pelo acúmulo de conhecimento, é mais consciente, nem por isso deixa de ser outro amor, amor é sempre amor, e o não amor, ignorância.

A quarta e última ignorância do amor é não conhecer o fim onde havia de parar o amado. A história humana conta que muitos morreram porque amaram. A causa da morte não foi o amor do amante para com a amada, mas o engano, a ignorância.

Não é amante quem morre porque amou, senão quem amou para morrer. [...] Amou Siquém, e morreu, mas a morte não foi troféu de seu amor; foi castigo de sua ignorância. Foi caso, e não merecimento [...] Que quem amou porque não sabia que havia de morrer, se o soubera, não amara. Não está o merecimento do amor na morte, senão no conhecimento dela. (VIEIRA, 1645, p. 389)

Uma pergunta muito comum é o que é o amor? Quem sabe, não pergunta. Amar sabendo é a condição necessária para afiar o amor para com o amado. A maior estima do amor é ver-se conhecido. O conhecimento é a satisfação do amor-próprio, contrário da paga. A paga, a retribuição, é satisfação do amor alheio, que não é verdadeiramente amor. A satisfação do que o amor recebe, pode ser o afeto interessado, o contrário do estimar o amor que é ter segurança no conhecimento.

Para o amante a segurança, a maior riqueza, é poder ter crédito do amado. O amado mesmo sendo ignorante sente-se endividado para com o amante. “Quando o amor deixar de ser credor, só então é pobre. Finalmente, ser tão grande o amor, que se não possa pagar, é a maior glória de quem ama. Se esta grandeza se conhece, é glória manifesta; se não se conhece, fica escurecida, e não é glória” (VIEIRA, 1645, p. 394). Isso por ser percebido em alguns casos na relação de amor entre filho e pai. O filho sente que não tem como retribuir totalmente o amor do pai para com ele. Mas o desconhecimento do amor do amado para com o amante é pena mais rigorosa, nem por isso deixa de amor profundo.

EDUCAÇÃO E AMOR NA RELAÇÃO EDUCADOR E EDUCANDO

A dimensão pedagógica do amor cristão, retratado por Vieira, está no fato de Cristo, sendo amante, ensina a amar verdadeiramente os amados, oferecendo-lhes um modelo de amor perfeito e imutável colocado na realidade dos seres humanos. E que não pode ser curado por nenhum destes remédios aplicáveis aos seres humanos. A ignorância sobre o amor dos seres humanos se revela frágil, mas pode se tornar forte baseado no uso da razão e da inteligência e na boa vontade.

As ignorâncias e os remédios do amor dificultam compreender as enfermidades do amor. Vieira aponta a relação entre conhecimento por parte divina e a ignorância por parte dos seres humanos como forma de compreensão e como afiar, melhorar o amor fino. Os ensinamentos sobre os conhecimentos divinos são um paradigma para solucionar os problemas enfrentados pelos amantes e pelos amados nos males do amor de forma geral, inclusive a relação entre educadores e educandos.

O processo educacional tem por um dos seus fundamentos últimos o amor entre educadores e educandos. Os educadores vivem experiências de amor, de prazer intelectual com os educandos, mas vivem também experiências muitas vezes não recíprocas desse mesmo amor, e se aborrecem com os educandos e com a educação. Esse aborrecimento ocorre por ignorância dos educadores. Muitas vezes a ingratidão é apontada como uma das causas desse aborrecimento. Como enfrentar as ingratidões dos educandos no processo de ensino aprendizagem? Vieira aponta o seguinte caminho: “semeando benefícios nos corações dos homens, de grandes benefícios colhia maiores ingratidões; porém o seu amor, que é o que agora digo, estilando essas mesmas ingratidões dentro no coração, de grandíssimas ingratidões, tirava maiores benefícios” (Vieira, 1643, p. 186).

Muitas vezes o educador merece a ingratidão, a ingratidão naquele momento é justa. O educador não percebe por ignorância em relação ao objeto amado. O educador desconhece aquilo que ama, e “por falta de conhecimento é que mais sente, e mais deve sentir quem ama” (Vieira, 1645, p. 399). A ignorância leva o educador a atribuir toda responsabilidade dessa ingratidão ao educando que, em muitas vezes, e também por ignorância, não conhece a afeição, a dedicação, não sabe o amor que o educador tem para com eles. Vieira aponta o caminho pelo

conhecimento: “E como esta injustiça foi tão ímpia e bárbara, e a ingratidão tão desumana e tão atroz, não é muito que o Senhor a sentisse como merecia” (VIEIRA, 1643, p.187). O amor que conhece do amante compreende o porquê das ignorâncias dos educandos.

Considerações finais.

Diante do exposto acima, concordamos com Vieira, no sentido de que o conhecimento tem a possibilidade de trocar as ingratidões dos educandos em benefícios, ou seja, em mais dedicação e empenho, em amor. O conhecimento do ser humano concreto por parte do educador nas relações estabelecidas na sociedade no qual está inserido podem converter as maiores ingratidões no processo educativo em maiores benefícios para o educador como para o educando no sentido particular.

O conhecimento sobre o poder dos remédios pode acender a força dos contrários para amor mais fortemente triunfar. O conhecimento faz com que o amor vença o tempo, vença a ausência e vença a ingratidão. Só assim os seres humanos podem afiar o seu amor para se aproximar do amor fino, o amar por amar. Já as ignorâncias podem ser superadas com a atenção nessa relação entre educador e educando para que o conhecimento faça a transição necessário num primeiro momento, como o primeiro amor, para um novo amor mais aperfeiçoado e mais fino. O educador a cada ano, com novos educandos, tem a possibilidade e o dever de construir novas relações de amor melhores do que no ano anterior, se fizer um bom uso dos remédios e vencendo as ignorâncias do amor no processo educativo com conhecimento.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA DE APOIO

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1986.
- AZEVEDO, J. Lúcio (org.). *Cartas do Padre Antônio Vieira*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.
- AZEVEDO, J. Lúcio. *História de Antônio Vieira*, t. I e II. São Paulo: Alameda, 2008

10.4025/6cih.pphuem.521

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

PAIVA, José Maria. *Religiosidade e Cultura Brasileira*. Maringá-PR: Eduem, 2012

PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento*, Campinas-SP: Editora Unicamp, 2008.

VIEIRA, Antônio. Sermões do Mandato (1643 e 1645). In: *Sermões*. SP: Editora das Américas, 1957, 24 vols.